



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

OS USOS LINGUÍSTICOS EM ANÚNCIOS PUBLICITÁRIOS: UM ESTUDO A PARTIR DA ABORDAGEM FUNCIONAL

Ana Dalete da Silva

*Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
anadaletesilva@hotmail.com*

Janaína Maria Fernandes Guedes Queiroz

*Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
jani12fg@gmail.com*

Rosângela Maria Bessa Vidal

*Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
rosangelauern@gmail.com*

Resumo: Este trabalho objetiva analisar as diversas manifestações linguísticas utilizadas no gênero anúncio publicitário, propagados em diferentes suportes. Para isso, procuramos investigar sob a perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), como se dar a materialização das modalidades da língua como um recurso estratégico para a publicidade, e que revelam as diversas possibilidades de uso decorrentes das mais variadas instâncias comunicativas. Constitui o *corpus* desse trabalho três anúncios provenientes da mídia impressa veiculados em revistas e cartazes informativos. Para esse empreendimento, nos apoiamos em uma abordagem descritiva-interpretativa no qual lançamos um olhar qualitativo sobre os dados. As discussões aqui efetivadas são norteadas pelas contribuições teóricas de Furtado da Cunha, Costa e Cezario (2003), Martelotta (2008, 2011), Neves (2002, 2004, 2006, 2013), entre outros estudiosos. Esperamos que as reflexões realizadas possam incentivar os docentes de Língua Portuguesa, assim como os estudantes de Letras, futuros profissionais da área, a conceberem a língua em uma dimensão mais ampla, de modo que seja compreendida considerando sua diversidade, vendo-a não como um erro, mas como uma propriedade que a constitui.

Palavras-chave: LFCU, Anúncio publicitário, Língua.

INTRODUÇÃO

Inúmeras são as discussões que norteiam o ensino de Língua materna, em seus mais variados aspectos. Uma que se configura extremamente relevante é a compreensão de língua enquanto entidade instável e maleável. Essa compreensão nos remete ao fato de que a interação humana só é possível por meio do uso da língua numa perspectiva discursiva,



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

pragmática e não por meio de palavras e frases isoladas, numa visão restrita e imanente do sistema linguístico.

Essa mudança de perspectiva no âmbito linguístico integra a noção de que o contexto social e as condições de produção exercem forte influência sobre as escolhas feitas pelo o usuário da língua. No universo publicitário isso não ocorre de maneira diferente, visto que na esfera comercial procura-se atingir o consumidor objetivando, principalmente, fazer com que este obtenha o serviço ou produto ofertado.

A publicidade, enquanto instância por meio do qual se processa o uso da linguagem em suas mais variadas formas, se serve de inúmeras estratégias criativas que tencionam estabelecer um vínculo entre produto e consumidor. Nessa tentativa, as formas linguísticas empregadas, em muitos casos, evidenciam a linguagem simples, construções corriqueiras carregadas de novas funções e que refletem o cotidiano e a cultura dos consumidores. Nesse sentido, a esfera publicitária joga com a linguagem, criando e recriando, em seu universo simbólico, representações manifestadas nas práticas sociais e que revelam a língua em uso, na qual mudança e variação são fatores sempre presentes.

Desse modo, o presente trabalho tem por propósito investigar as diversas expressões linguísticas manifestadas na publicidade. Para isso, o articulamos da seguinte forma: de início expomos a fundamentação teórica que discorre sobre alguns aspectos fundamentais em torno da mudança linguística e ensino, além das contribuições advindas da Linguística Funcional Centrada no Uso. Posteriormente, apresentamos a análise do *corpus* e por fim, expomos nossas considerações finais em torno dos resultados alcançados com o estudo.

Metodologia

Este artigo tem como objetivo analisar as várias manifestações linguísticas empregadas em anúncios publicitários. Dessa maneira, selecionamos três propagandas, estas ofertam serviços diferentes e foram divulgadas em material impresso. Para isso nos fundamentamos nos estudiosos já supracitados com vista a realizarmos um estudo de caráter qualitativo interpretativista.



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

1 Mudança linguística e ensino

A escola como instituição educacional tem a missão de acolher e trabalhar de maneira consistente a heterogeneidade característica de sua clientela. No sentido de oferecer uma educação de qualidade, baseada em princípios como respeito, dignidade e, sobretudo, condições favoráveis para a ampliação dos conhecimentos dos educandos, a fim de que estes sejam capazes de interagir de forma satisfatória no contexto social em que estão inseridos.

Mediante esse contexto, frisamos uma questão relevante para o desenvolvimento dos alunos e sua inserção no meio social - a diversidade linguística que permeia o contexto escolar. Ambiente este que comporta uma clientela heterogênea, advinda de camadas sociais diferentes, comunidades distintas, faixa etária diversificada entre outros fatores que determinam seus diferentes falares. Daí a necessidade de uma abordagem linguística consistente, visto que é pela língua que se dão as relações de poder e dominação, os consensos, as discórdias, as transmissões culturais. Assim como é pela língua que o sujeito constrói seu lugar na sociedade, e é através dela, que se constitui enquanto sujeito comunicativo, participante e atuante das diversas práticas sociais. Conforme salienta Neves (2002, p. 226):

[...] saber expressar-se numa língua não é simplesmente dominar o modo de estruturação de suas frases, mas é saber combinar essas unidades sintáticas em peças comunicativas eficientes, o que envolve a capacidade de adequar os enunciados às situações, aos objetivos da comunicação e às condições de interlocução.

Com base nisso, percebemos a grande responsabilidade da escola, que é propiciar aos indivíduos condições favoráveis ao desenvolvimento da competência comunicativa, preparando-o, conseqüentemente para expressar-se de forma coerente nas diversas situações de interação social. Para tanto o ideal é que as instituições educacionais desenvolvam um trabalho que permita ao educando, o contato com as diversas modalidades linguísticas, sem priorizar um dialeto sobre o outro, mas atribuindo a cada um deles a relevância comunicativa que eles possuem nas determinadas situações de uso.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Contudo, o que notamos são instituições de ensino com uma visão de língua estática, imutável. Escolas que priorizam um ensino de língua centrado na gramática normativa, que desconsidera os contextos culturais e sociais dos alunos; que em seu fazer pedagógico mutila os conhecimentos linguísticos dos educandos por meio de exercícios mecânicos e repetitivos de normas gramaticais, os quais não contribuem significativamente para o desempenho linguístico dos envolvidos. Ao contrário, provocam neles uma aversão em relação ao ensino de língua, pelo fato de pensarem que esta é de difícil aprendizado. Nas palavras de Furtado da Cunha; Souza (2007, p.17):

As análises linguísticas que seguem a orientação funcionalista trabalham diretamente sobre o postulado básico – *a língua é uma estrutura maleável, sujeita às pressões do uso e constituída de um código parcialmente arbitrário*. Isso significa que a gramática é um “sistema adaptativo” (Du Bois, 1985), uma “estrutura maleável” (Bolinger, 1977) e emergente (Hopper, 1987), que se encontra num processo *contínua* de variação e mudança para atender a necessidades cognitivas e/ou interacionais de seus usuários.

Em meio a esse contexto, frisamos a necessidade de a escola conceder um espaço para um trabalho consistente de análise sobre os fatos da língua. Uma análise que inclua questões de gramática, sim, porém, que supere a visão descritiva e prescritiva desse campo e explore os usos reais, que se detenha nos aspectos mais importantes dos fenômenos linguísticos, que conforme Martelotta (2008 p. 157), “se preocupa em estudar a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos comunicativos em que elas são usadas”. Nesse sentido, concebe-se a língua enquanto fato social, vinculado a um determinado contexto, isto é, trata-se de um sistema em constante mutação estando a serviço das muitas necessidades comunicativas dos seus falantes.

Embora haja consciência por parte dos professores sobre a dinamicidade da língua, o que mais se vê nas salas de aulas são alunos vítimas do preconceito linguístico por não terem o domínio da variedade padrão e nem utilizá-la em suas produções orais e escritas, fato que inibe o desenvolvimento cognitivo do educando e funciona como um grande impasse para a efetivação de um bom relacionamento entre aluno-professor e até mesmo entre dos alunos entre si. O resultado concreto de tudo isso é o desinteresse e o silêncio do educando, que



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

certamente é prejudicial não simplesmente ao desenvolvimento de suas competências discursivas, mas, principalmente, ao desenvolvimento do cidadão que precisa saber ouvir e precisa aprender a se expressar.

Os educandos na sua condição de falantes carregam em seu repertório verbal marcas da sua cultura, do seu status, da sua faixa etária, enfim da sua história enquanto indivíduo inserido numa comunidade. Nesse âmbito, torna-se inviável uma prática docente cuja essência se pautar no domínio técnico do uso da norma-padrão, uma vez que o trabalho exclusivo com esse domínio linguístico, não abarca todas as situações interativas do uso da língua.

A partir dessa reflexão, observamos a real incoerência que norteia o trabalho com a língua materna, que em sua maioria acontece de forma fragmentada: aulas de gramática, aulas de leitura e de produção textual, como se na prática (na fala e escrita) fosse possível separar gramática de texto. Para Furtado da Cunha; Tavares (2007, p. 157):

A língua é determinada pelas situações de comunicação real, em que falantes reais interagem e, conseqüentemente, seu estudo não pode se resumir à análise de sua forma, já que essa forma está relacionada a um significado e a serviço do propósito pelo qual é utilizada, o que depende de cada contexto específico de interação.

Um aspecto relevante a ser considerado no trato com a língua materna é que a comunicação, a interação entre os falantes acontece por meio de textos, e não por meio de palavras e frases isoladas. Então, não há porque conceber a língua apenas no âmbito da nomenclatura gramatical, a gramática deve ser abordada em sala de aula desde que se contemple o seu aspecto funcional, interacional, afim de que os usuários da língua sejam capazes e se comunicar por meio de textos coerentes e coesos, em situações que exigem o maior ou menor grau de formalidade e/ou informalidade.

2 A Linguística Funcional Centrada no Uso: a língua em movimento

A Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) defende a ideia de um ensino de Língua Portuguesa pautada no uso. Visto que, tendo a língua como produto de atividades



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

sociais, históricas e culturalmente construídas considera que esta é resultante de um conjunto complexo de atividades, sendo, por sua vez, materializadas nas diversas situações de interação. Segundo Neves (2006, p. 17):

[...] o funcionalismo é uma teoria que se liga, acima de tudo, aos fins a que servem as unidades linguísticas, o que é o mesmo que dizer que o funcionalismo se ocupa, certamente, das funções dos meios linguísticos de expressão.

Podemos dizer que, o funcionalismo amplia o cerne dos estudos linguísticos para além dos elementos estruturais, isto porque de acordo com Furtado da Cunha; Costa e Cezario (2003, p. 29), suas investigações “procura explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua analisando as condições discursivas em que se verifica esse uso”. Para essa abordagem, a língua não é um sistema autônomo, pronto e homogêneo, mas, susceptível as mudanças do uso linguístico. Furtado da Cunha e Oliveira (2003, p. 47) afirmam que:

Para o funcionalismo, todas as orações de um texto têm uma dupla função: semântica e pragmática. O que se comunica em cada porção não é só o conteúdo semântico da língua, mas também a natureza e o propósito do ato de fala visto como fenômeno cultural e cognitivo. O conteúdo semântico proposicional de uma oração pode permanecer estável, ao passo que sua função discursiva e pragmática pode se modificar.

Dessa maneira, para os funcionalistas, a língua não pode ser analisada fora de seu contexto extralinguístico, sendo, portanto, investigada não somente em seus aspectos gramaticais, mas também pragmáticos e discursivos. Como assegura Furtado da Cunha (2007, p. 19), “[...] a gramática é constituída nos contextos específicos de uso da língua, para compreendê-la é preciso levar em conta a perspectiva discursivo-textual”. Para isso, se faz necessário uma explicação das formas linguísticas conforme as funções que ela executa no processo comunicativo.

Conforme salienta Neves (2004, p. 22), “a gramática é sensível às pressões de uso exatamente por constituir uma estrutura cognitiva, ou, em outras palavras, a partir de núcleos nocionais a gramática é passível de acomodação sob pressões de ordem comunicativa”. Busca-se, então, analisar a língua conforme o contexto linguístico, levando em consideração



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

toda a situação comunicativa, o propósito do evento da fala, seus participantes e o contexto discursivo. Para Martelotta (2011, p. 63), “no uso da língua, determinados aspectos de cunho comunicativo e cognitivo são atualizados e, se queremos compreender o funcionamento da linguagem humana, temos de levar em conta esses aspectos”.

Assim, a linguagem é concebida como instrumento de interação social, já que cada entidade linguística é determinada em decorrência da atuação desses fatores nos processos reais de comunicação. Ou seja, o funcionalismo rompe categoricamente com os estudos formalistas que até então estabelecidos, adotavam a noção de língua como autônoma e imutável. Limitando-se, assim, a descrição da língua sem levar em consideração o contexto comunicativo.

Ao contrário do que se vê em estudos anteriores, a perspectiva funcional traz para as investigações linguísticas novos direcionamentos e rumos. Com isso, a concepção funcional torna evidente a necessidade de uma sistematização em que seja posta como objeto de ensino a reflexão dos fatos da língua legitimada pelo seu efetivo funcionamento. A seguir, nos detemos à análise dos anúncios constitutivos do *corpus* deste estudo.

3 Análise dos usos linguísticos em anúncios publicitários

Contemplamos nesta sessão uma análise de três anúncios veiculados na mídia impressa, os quais estão associados a materiais de caráter publicitário propagados em folhetos informativos, cartazes e panfletos. Ao nos remetermos ao texto publicitário, podemos perceber a gama de possibilidades e multiplicidade de formas pela qual a linguagem é utilizada, assumindo assim inúmeras funções. Isto porque na instância comercial tem-se por intuito não somente atrair o interesse do consumidor diante do produto anunciado, mas sobretudo persuadi-lo, afim de que este o adquira.

Com esse intuito o campo publicitário faz uso de uma série de mecanismos e estratégias criativas que revestem o anúncio com um teor diferenciado. Na conjuntura dessas estratégias comunicativas, além dos recursos visuais e sonoros, a linguagem também representa uma ferramenta imprescindível na promoção dos eventos enunciados. Já que a



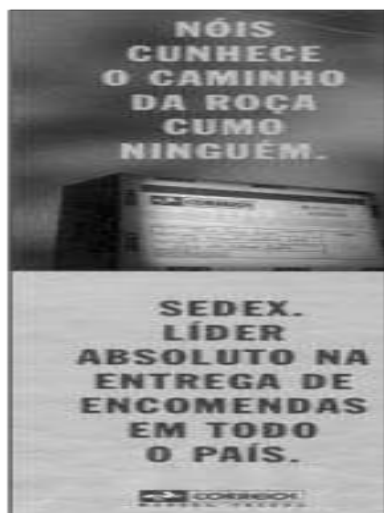
II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

comunicação publicitária constitui um cerne interessante das formas de manifestação da língua em suas diferentes modalidades, conforme o propósito pretendido, o público a que se destina, o contexto da mídia em que está veiculada e a mensagem a ser transmitida.

As mensagens publicitárias buscam atender as demandas pretendidas de forma que sejam compreendidas por todos. Para isso, tendem a utilizar uma linguagem clara, objetiva e acessível, visto que o intuito é atender a massa, desse modo, em muitos casos prevalecem nos anúncios impressos a linguagem em sua diversidade de usos. Vejamos o anúncio publicitário abaixo que foi divulgado pela revista Veja e se refere aos Correios.

Anúncio 01



Fonte: <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>

Podemos perceber no anúncio 01 que a maneira como a linguagem foi expressa, caracteriza a linguagem informal, típica da fala de pessoas do campo e/ou do meio rural. Contudo, essa estratégia comunicativa permeia toda uma intencionalidade discursiva e criativa da língua falada, que tem por objetivo enfatizar a eficácia dos serviços oferecidos pelos Correios. Neste caso, a ênfase pretendida é o acesso e facilidade das entregas nos lugares mais longínquos, incluindo, sobretudo, as comunidades rurais, que na maioria das vezes, são penalizadas tanto pela questão geográfica (espacial), como pelas condições socioeconômicas.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A linguagem proposta no anúncio intenciona convencer os leitores da eficácia da empresa na prestação de serviços deixando explícito por meio dos aspectos linguísticos que atende a todos os públicos indistintamente e de modo eficaz, adequando-se às diversas realidades sociocomunicativas. Para tanto as expressões linguísticas do anúncio estão condizentes com o contexto, o público e os objetivos da comunicação.

A modalidade linguística utilizada revela a diversidade da língua, esta compreendida como flexível e dinâmica. Que por sua vez, está passível as determinações do contexto e ao propósito comunicativo, podendo, pois, está susceptível as pressões em que se verifica o seu uso. Nesse sentido, concebemos a língua como uma instância heterogênea, que se funde nos processos de interação e nas condições de produção geradas pela diversidade dos usos.

Anúncio 02



Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=anúncios+publicitários>

O anúncio 02 acima revela uma das facetas da linguagem nos eventos comunicativos. Construções como essas são reais e não podem ser desconsideradas no âmbito social, nem nas instituições escolares, visto que são inerentes a natureza dinâmica da língua. Observa-se nessa construção o grande confronto existente entre norma e uso, por conseguinte, é viável destacar que a mudança linguística é claramente percebida por qualquer usuário atento da língua.

Na linguagem informal efetivada no anúncio em análise estão imbuídas as condições socioculturais do autor, bem como, a sua intenção comunicativa, que não é prejudicada pelo fato de fazer uso da linguagem coloquial. Assim, entende-se que a língua vista na perspectiva



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

de mudança e variação não está atrelada tão somente aos lugares e tempos diferentes, mas, sobretudo, a história, a natureza e ao estatuto que os falantes carregam. Parafraseando Neves (2006) pode-se afirmar que a língua não é um sistema uno, invariado, mas, que abriga um conjunto de variantes. Nesse sentido, nota-se que o anúncio publicitário em questão suscita uma profunda reflexão acerca do ensino de língua efetivado na escola e a língua vivenciada no contexto social.

Construções desse nível são analisadas no contexto escolar como impróprias, incorretas, vista de modo estigmatizado, no entanto, esses usos são recorrentes na fala e na escrita de muitos falantes nativos que não tiveram acesso à escola ou até mesmo daqueles que a frequentam e, no entanto, por questões socioculturais fazem uso de tais expressões linguísticas. Diante disso, reafirma-se a necessidade de um novo olhar para o ensino de língua materna efetivado no contexto escolar, no sentido de considerar a variabilidade do sistema linguístico, instigar nos educandos uma reflexão acerca dessa questão e, conseqüentemente, prepara-los para atuar de modo adequado nas diversas situações de uso da língua.

Anúncio 03



Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=anúncios+publicitários>

No anúncio 03 percebe-se que para atender seus propósitos comunicativos o autor aproxima-se cada vez mais do leitor ao utilizar o termo *A gente* em vez do pronome nós, visto que esse uso é mais frequente no repertório linguístico dos falantes nativos do português



brasileiro. Entende-se esse uso como uma estratégia comunicativa para atrair a atenção do consumidor em relação ao produto ofertado, visto que, o autor coloca-se de igual para igual com leitor (consumidor). Em outras palavras, “fala a mesma língua”.

Atentando para a questão da mudança linguística é importante destacar que o termo *A gente* conforme os estudiosos da linguística funcional foi gramaticalizado na função de pronome no português brasileiro informal, substituindo o pronome nós, conforme está posto na Nova Gramática do Português Brasileiro de Castilho (2012). Esse fato só vem reforçar o caráter adaptativo da linguagem, a concepção de gramática emergente, uma gramática maleável, cujas estruturas gramaticais são explicadas a partir das pressões de uso e da sua frequência nos contextos comunicativos.

De fato, podemos dizer que a mudança linguística deve ser vista como característica inerente do funcionamento básico da língua. Visto que, por constituir uma ferramenta de interação social entre os indivíduos frente a um determinado contexto, a língua tende a sofrer modificações, o que gera formas de expressões alternativas incorporadas no uso e por ele motivadas. Portanto, é parte essencialmente natural da língua a existência da mudança manifesta em diversos níveis de sua utilização.

Considerações finais

As análises empreendidas nesse estudo revelam que as mudanças ocorridas com determinadas expressões linguísticas compreendem, não somente uma interferência ocasionada pelos distintos níveis estruturais da língua, mas também, a relação desempenhada pelas instâncias discursivo-pragmáticas, aspectos que interferem no uso dos elementos linguísticos. Isto subjaz a noção de que com o tempo muitas expressões vão sofrendo alterações importantes passando a assumirem funções distintas.

Vale ressaltarmos que esse processo de mudança, efetiva-se a partir do ato comunicativo. Nesse sentido, é por meio da interação que os usuários manuseiam os termos e os elementos disponíveis na língua, com o intuito de veicular estratégias comunicativas que demarquem seu posicionamento em relação ao que almejam transmitir, face a esfera



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

contextual em que se realiza a comunicação. Dessa maneira, a habilidade em usar as variadas manifestações da língua no campo publicitário consiste em uma forma viável e criativa na produção de anúncios, pois funciona como um recurso persuasivo importante para atrair a atenção dos consumidores.

Isso se dá porque, a utilização de determinados termos como é o caso do *a gente*, representa uma das formas de uso que vêm se incorporado na língua falada do Brasil e, portanto, revela, as diversas maneiras de expressões linguísticas. O que caracteriza a língua em relação aos seus usos e, conseqüentemente suas constantes mudanças. Para tanto, não podemos desconsiderar que esta é altamente sensível a interferência de fatores extralinguísticos sendo, pois, essencialmente dinâmica.

REFERÊNCIAS

FURTADO DA CUNHA, M. A.; COSTA, M. A.; CEZÁRIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; RIOS DE OLIVEIRA, M.; MARTELOTTA, M. E. (Orgs.). **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 29-55.

_____; TAVARES, M. A. Linguística funcional e ensino de gramática In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; TAVARES, M. A. (org.) **Funcionalismo e ensino de gramática**. Natal-RN: EDUFRRN, 2007, p. 13 – 51.

_____; SOUZA, M.M. **Transitividade e seus contextos de usos**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MARTELOTTA, M. E. (org.) **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.

MARTELOTTA, M. E. **Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso**. São Paulo: Contexto, 2011.

NEVES, M. H. M. **A gramática: história, teoria e análise, ensino**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

_____. Uma introdução ao funcionalismo: proposições, escolas, temas e rumos In: CRHISTIANO, M. E. A.; SILVA, C. R.; HORA, D. (orgs.). **Funcionalismo e gramaticalização: teoria, análise, ensino**. João Pessoa: Idéia, 2004, p. 13-28.

_____. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2006.